

“O belíssimo espetáculo da paisagem”: a romaria do Monte Santana em São Pedro do Potengi

“The beautiful spectacle of the landscape”: the Monte Santana pilgrimage in São Pedro do Potengi

*Magno Francisco de Jesus Santos*¹

Resumo

Neste artigo tenho como escopo a romaria do Morro de Santana em São Paulo do Potengi. Situada em um dos menores municípios do Rio Grande do Norte, o Monte Santana realiza duas importantes romarias ao longo do ano: no dia primeiro de janeiro e na primeira segunda-feira de agosto, no chamado “Dias e Águas”. Aciono essa celebração religiosa com o fulcro de analisar os impasses no processo de construção do espaço devocional a partir dos registros publicados na imprensa norte-rio-grandense e da legislação atinente ao controle do espaço da ermida. Trata-se, em certa medida, de uma documentação que busca elucidar a romaria como evidência da visibilidade do município e da permanência das práticas populares. Para isso, mobilizo como documentos os registros imagéticos e escritos publicados em diferentes suportes, como jornais e blogs.

Palavras-chave: romaria, São Pedro do Potengi, Monte Santana.

Abstract

In this article my scope is the Morro de Santana pilgrimage in São Paulo do Potengi. Located in one of the smallest municipalities in Rio Grande do Norte, Monte Santana hosts two important pilgrimages throughout the year: on the first of January and on the first Monday of August, called “Days and Waters”. I launch this religious celebration with the aim of analyzing the impasses in the process of building the devotional space based on the records published in the press of Rio Grande do Norte and

¹ Professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Doutor em História pela UFF. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq. E-mail: magno.santos@ufrn.br

the legislation relating to the control of the hermitage space. It is, to a certain extent, documentation that seeks to elucidate the pilgrimage as evidence of the municipality's visibility and the permanence of popular practices. To this end, I mobilize as documents the imagery and written records published in different media, such as newspapers and blogs.

Keywords: Pilgrimage, São Pedro do Potengi, Monte Santana.

Introdução

Cinco de agosto de 2019. Primeira segunda-feira do mês. Nas primeiras horas da madrugada, os moradores da zona rural do Rio Grande do Norte iniciavam os preparativos para mais uma romaria. Arrumavam as sacolas, guarneciam a alimentação, vestiam as mortalhas em cor única e se deslocavam até os pontos para esperar ônibus e caminhões. Era o dia de pagar a promessa, de realizar mais uma viagem para o pequeno município de São Pedro do Potengi ao encontro da ermida que abrigava a devotada imagem da Senhora Santana.

Após uma longa jornada, os romeiros adentram o São Pedro do Potengi, pequeno município com população estimada em aproximadamente 5.800 habitantes (IBGE, 2021).² Os ônibus cruzavam a cidade e seguiam para o distrito de Pedra Branca, na outra margem do rio Potengi, onde encontravam a colina que tem em seu cume a ermida sagrada. Nas primeiras horas da manhã, as levas de romeiros, em passos lentos que denunciavam o peso da idade, subiam a pedregosa e irregular ladeira. Para muitos, o último ato de penitência antes do encontro com a imagem da patrona. Alguns minutos após o início da caminhada, já era possível vislumbrar a parede do fundo da ermida, em azul cintilante, com a pintura de Santana, como uma abertura do paraíso, a receber os seus devotos promesseiros.

² Dados da estimativa do IBGE para o ano de 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/sao-pedro/panorama> . Consultado em: cinco de outubro de 2021.

Vencida a grande subida, os romeiros encontravam as frondosas sombras de pequenas árvores que circundavam a ermida e enfrentavam, como último obstáculo, a fila para adentrar o templo sagrado. Com os olhos fitos para o altar, os devotos caminhavam em passos lentos e com os lábios entreabertos, em oração, como uma súplica que rendia agradecimentos pelas benesses recebidas e clamavam por novas demandas. Era o momento de cumprir com as promessas de outrora e de renovar os pedidos. Ao se aproximarem do altar, os promesseiros se viam diante da pequena imagem de Santana, em pé, vestida de azul e com manto amarronzado. Uma imagem circundada por ramalhetes de flores e fitas. Era o momento em que os fiéis rezavam, antes de seguir o itinerário para a lateral do templo, onde ocorria a entrega dos ex-votos.

Ao longo de todo o dia, o Monte Santana, no distrito de Pedra Branca, se transmutava em um importante espaço devocional do catolicismo no Rio Grande do Norte, ao receber levas de romeiros que se deslocavam no intuito de celebrar a patrona e pagar suas promessas. As celebrações ocorrem na ermida edificada no alto do rochedo em duas ocasiões: na primeira segunda-feira de agosto, dia conhecido popularmente como “dias e águas” e no dia primeiro de janeiro. Contudo, o maior fluxo de romeiros ocorre na romaria de agosto, dentro do ciclo festivo do calendário católico dedicado a Santana, que tem sua festa litúrgica celebrada no dia 26 de julho. Neste sentido, a romaria realizada em São Pedro do Potengi expressa o encerramento das festividades alusivas à santa, que se inicia com as celebrações de Currais Novos, avançam com a grande festa de Caicó, no último domingo de julho, e se encerra no Monte Santana.

Ressalta-se que no Rio Grande do Norte a devoção a Santana encontra-se ancorada na dimensão das expectativas das chuvas. Ela se tornou a principal devoção da região do Seridó, sendo a patrona dos dois municípios mais importantes da região: Currais Novos e Caicó. No caso de Caicó, nos idos de 2009, a festa de Santana foi reconhecida pelo IPHAN como patrimônio imaterial do

Brasil, com o registro no Livro de Celebrações (Santos, 2017). De acordo com o dossiê da Festa de Santana:

A religiosidade é um marco característico do povo seridoense, a vivência dessa religiosidade, refletia um forte grau de conformação a providência celestial, a quem se atribuía a abundância das chuvas ou os rigores da seca, portanto, para o povo tudo estava nas mãos de Deus. A fé e a confiança na força sobrenatural da avó de Jesus podem ser percebidas nos nomes de algumas cidades, serras ou construções que compõe a região do Seridó Potiguar – Serra de Santana, Ilha de Santana, Poço de Santana, Barra de Santana, Santana do Seridó – ou nos lugares habituais de culto: igrejas, capelas e oratórios a ela dedicados (Brasil, 2010, p. 15).

Neste sentido, é possível pensar São Paulo do Potengi como um centro de romaria atrelado aos espaços devocionais vinculados ao ciclo das chuvas, com o descerrar do inverno nordestino, com o chamado “dias e águas”, na primeira segunda-feira de agosto, que nas camadas populares marca o fim das chuvas de inverno. Trata-se, portanto, de um espaço sagrado reificado a cada romaria, celebrada como agradecimento pelo bom inverno. Práticas devocionais que expressam a “revelação dos poderes sobrenaturais, manifestações do ‘tempo antigo’ se dá sob a forma de uma aparição milagrosa, de uma manifestação do além ou de um sonho; ponto de partida para a construção de uma capela que se tornará local de celebrações religiosas” (Cavignac; Macedo; Brito; Dantas, 2011, p. 78).

No caso da romaria de Santana, a revelação do sagrado ocorreu em um espaço privado, fato que gerou tensões envolvendo romeiros, proprietários e o poder público municipal. O acesso ao Monte de Pedra Branca tornou-se um problema, principalmente a partir da venda da propriedade para estrangeiros, que pouco se interessavam pela questão da romaria. Os impasses repercutiram diretamente na administração do espaço sagrado e das celebrações, como no acesso dos devotos e na intervenção do poder público.

Neste artigo tenho como escopo a romaria do Morro de Santana em São Paulo do Potengi. Aciono essa celebração religiosa com o fulcro de analisar os

impasses no processo de construção do espaço devocional a partir dos registros publicados na imprensa norte-rio-grandense e da legislação atinente ao controle do espaço da ermida. Trata-se, em certa medida, de uma documentação que busca elucidar a romaria como evidência da visibilidade do município e da permanência das práticas populares. Para isso, mobilizo os registros imagéticos e escritos publicados em diferentes suportes, como jornais e blogs.

O argumento estrutura-se em dois momentos. No primeiro, mobilizo uma problematização de teor conceitual, como estratégia de categorizar as romarias de Santana no município de São Paulo do Potengi, a partir das concepções de hierópolis, pequenos centros urbanos de função religiosa e acrópoles sagradas. No segundo momento, articulo a análise atinente à construção da paisagem da romaria por meio das narrativas escritas e visuais publicadas na imprensa, assim como problematizo a questão das políticas públicas municipais atinentes ao controle do espaço no qual se encontra a ermida, a partir da desapropriação do terreno. Com isso, torna-se salutar pensar a dimensão conceitual atinente ao Monte Santana.

“O Monte Santana, uma elevação rochosa”: uma definição conceitual

O Monte Santana de São Pedro do Potengi é um dos principais centros de romaria do estado do Rio Grande do Norte e recebe um elevado contingente de romeiros em duas ocasiões no ano. No início de agosto e janeiro, a ermida transmuta-se em um espaço aglutinador de devotos, que celebram a padroeira, fazem preces e pagam suas promessas. No âmbito do cenário devocional do Rio Grande do Norte, percebe-se uma complexa rede de pequenos santuários. Em consonância com a tipologia pensada por Maria Cecília França, acerca dos santuários paulistas, trata-se de “pequenos centros de função religiosa” (França, 1975). Nas diferentes regiões do estado, cravadas entre o litoral ao sertão, é possível encontrar uma pluralidade de espaços de devoção, como santas cruzes

de estradas e túmulos de santos não canonizados,³ bem como pequenos centros de romarias.

Esses lugares instituem o que na acepção de Aleida Assmann podem ser vistos como a “zona de contato entre Deus e o homem” (Assmann, 2011, p. 322). Tais espaços sagrados, em muitos casos, chegam a constituir as hierópolis, ou seja, cidades santuários que são “centros de convergência de peregrinos que com suas práticas e crenças materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço” (Rosendahl, 2009, p. 26). Ressalta-se que as hierópolis norte-riograndenses se caracterizam como cidades-santuários de fluxo periódico, na qual “a prática religiosa implica a ida em certas ocasiões, geralmente uma ou duas vezes por ano, coincidindo com os dias de festividades” (Rosendahl, 2009, p. 26-27).

Os centros de romarias potiguares se caracterizam pela polifonia. De acordo com Magno Santos, podem ser definidos como festas de padroeiros, romarias vinculadas às águas, devoções dos protomártires e as romarias de acrópoles sacras (Santos, 2018). Pautado nesta definição, é possível pensar o Monte Santana como um centro de romaria vinculado às acrópoles sagradas, ou seja, montanhas sagradas, “um *Axis mundi* que liga a Terra ao Céu, ela toca de algum modo o Céu e marca o ponto mais alto do mundo” (Eliade, 2001, p. 39).

O Monte Santana encontra-se inserido entre os espaços devocionais católicos do Rio Grande do Norte que foram erigidos em elevações, ou seja, constitui uma paisagem estadual das acrópoles sagradas. No estado, além do Monte Santana, os principais santuários edificadas em montes são: Nossa Senhora dos Impossíveis, no Monte do Lima em Patu; Nossa Senhora das Graças e Santa Menina, em Florânia; Nossa Senhora das Vitórias, no Monte do Galo, em Carnaúba dos Dantas; Santa Luzia, em monte homônimo, em Bodó e Santa Rita

³ Neste artigo não incluir os santuários devotados a santos não-canônicos. Sobre essa questão podem ser consultados os trabalhos de Lourival Andrade Júnior (2015), Eliane Tânia Martins de Freitas (2006), Lílian Alves Gomes (2017) e Irene de Araújo van den Berg Silva (2010).

de Cássia, em Santa Cruz. Em grande medida, esses centros de romaria recebem romeiros esporadicamente, dentro das grandes celebrações realizadas uma ou duas vezes ao ano, com uma grande redução do fluxo de visitantes fora do tempo das festas. Esses santuários se caracterizam pela via-crucis, que vincula a urbe ao templo, sempre erigido no alto de uma montanha. No entender de Santos:

Um elemento comum em todos esses santuários é o caminho que liga a urbe ao território do sagrado, com a presença de monumentos com pinturas que rememoram as estações da Via Sacra. Trata-se de um estímulo à contemplação e ao sacrifício, levando o romeiro a cumprir suas promessas e “purificar-se” antes de cruzar o pórtico de entrada do santuário. Essa travessia entre a cidade e o santuário, entre o mundo e o cosmo, incluiu o pagamento de promessas, com o depósito de ex-votos. Nos quatro santuários listados existem as salas dos milagres, onde os romeiros passam para deixar o seu testemunho do milagre ou para contemplar o poder miraculoso do santo comprovado pelo número de objetos que constituem o acervo (Santos, 2018, p. 116).

No caminho do romeiro, a subida ao monte é transmutada em sacrifício, um ato purificador que prepara o corpo para o encontro com o sagrado. As pedras do caminho, a inércia causada pela subida íngreme e as cenas da Paixão expostas no trajeto convidam o devoto a buscar a dimensão espiritual, a sacrificar a carne como exponencial de sua dedicação ao sagrado. Como de forma pertinente Isabel Dantas, explicita, o santuário “é o palco em que se encenam as trocas simbólicas, que incluem o sacrifício corporal e de outros bens materiais; entre outros, os ex-votos, que, no início das peregrinações ao santuário, quando ainda não existia o ‘Quarto dos Milagres’” (DANTAS, 2008, p. 63-64).

Nas acrópoles sagradas potiguares as romarias geralmente ocorrem duas ou três vezes ao ano, com a reunião de romeiros de cidades e dos estados limítrofes do Rio Grande do Norte. No caso do Santuário de Nossa Senhora das Vitórias, no Monte do Galo, em Carnaúba dos Dantas, criado em 1928, ocorrem três romarias: Nossa Senhora das Vitórias (24 de outubro), Santa Luzia e São Bento (13 de dezembro) e a da Paixão de Cristo (Semana Santa). Em Florânia, o Santuário de Nossa Senhora das Graças ou da Santa Menina, criado em 1948, as

romarias ocorrem em novembro, alusivas à devoção a Nossa Senhora das Graças. Na cidade de Santa Cruz, o Santuário de Santa Rita de Cássia, fundado em 2010, realiza as romarias em quatro ocasiões: Romaria de Santa Rita, 22 de maio; Romaria da Gratidão, 12 de outubro; Romaria Eucarística, 22 de abril e romarias da Coroa de Santa Rita, todo dia 22. Em Bodó, a romaria acontece no dia 13 de dezembro, em alusão à Santa Luzia. Por fim, em Patu, o Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis possui duas grandes romarias: a da padroeira, realizada no dia 21 de novembro e a de Ano Novo, no dia primeiro de janeiro.

Ainda no âmbito topográfico, o Monte Santana também pode ser pensado como um espaço sagrado que carrega elementos similares aos chamados sacromontes, principalmente no tocante ao caráter penitencial que envolve o deslocamento final do devoto até o templo. Para Luigi Zanzi, os “sacro monti: la sua ‘sostenza’ é uma ‘preghiera montana’: un rito oratório messo per strada, pietrificato in ‘tabernacoli’, d’architettura ‘teatrica’, figurata con catechistici simulacri” (Zanzi, 2005, p. 4).⁴

A primeira característica de ser uma oração de montanha está fortemente presente na Ermida de Santana de Pedro do Potengi. O itinerário do devoto é marcado pelo sacrifício, reificado pela subida e pelas dificuldades impostas pela irregularidade da estrada, com pedras soltas. O trajeto do romeiro entre os ônibus e a ermida transforma-se em um ato de purificação, no qual a elevação ao monte se torna um convite à elevação espiritual. Essa característica se faz presente em grande parte dos espaços sagrados em montanhas, como a Igreja de Santa Maria do Monte, em Varese, os santuários de Bom Jesus de Braga (Portugal), Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo (Minas Gerais), Santa Cruz de Monte Santo (Bahia), Nossa Senhora da Piedade em Caeté (Minas Gerais), assim como

⁴ Tradução livre do autor: “sua ‘substância’ é uma ‘oração da montanha’: um rito oratório ambientado na rua, petrificado em ‘tabernáculos’, com arquitetura ‘teatral’, ilustrado com simulacros catequéticos”.

o santuário de Frei Damião de São Joaquim do Monte (Pernambuco), da Divina Pastora (Sergipe) e do Horto do Padre Cícero em Juazeiro do Norte (Ceará).

O segundo elemento também é recorrente. Trata-se do ato expiatório da subida, ou seja, o deslocamento até o templo é integrado ao ritual, tornando-se uma oração, uma expressão que institui a sacralidade. Isso ocorre por meio das práticas dos romeiros, que pagam as suas promessas, muitas vezes, ajoelhados. Isso ocorre em romarias como a do Senhor dos Passos, em São Cristóvão (Santos, 2019) e do Morro da Conceição, em Recife. Em alguns casos, o trajeto se torna mais conhecido do que o próprio templo, como é o caso de Monte Santo, no qual a via-crucis exerce maior centralidade do que a Capela da Santa Cruz (Venâncio Filho, 2016).

Por fim, o terceiro elemento é o mais excludente, pois caracteriza os sacromontes a partir da inserção arquitetônica voltada à piedade cristã. Em grande parte, isso ocorre por meio da inclusão dos Passos da Paixão, como ocorre em Varese e Piemonte, na Itália; Bom Jesus de Braga, em Portugal; Bom Jesus de Matosinhos e Santa Cruz de Monte Santo, no Brasil. Além disso, também são recorrentes as estações da via sacra, notadamente nos santuários das acrópoles norte-rio-grandenses como em Santa Cruz, Patu, Florânia e Carnaúba dos Dantas. Todos esses santuários podem ser pensados como sacromontes.

No caso do Monte Santana de São Pedro do Potengi, não é possível identificar os elementos arquitetônicos correlatos aos Passos da Paixão ou da via sacra. O caminho que leva até a ermida ainda é desprovido de pavimentação e de alegorias que remetam ao catolicismo piedoso. Trata-se de uma estrada cravada no rochedo. Esse fato explica-se pela ausência do poder público e da administração eclesiástica no referido espaço sagrado, por se tratar de um terreno privado, ou seja, ainda não ocorreram intervenções no sentido de moldar o espaço como um artefato catequético. A priori, a inexistência de elementos arquitetônicos que elucidem o estímulo à piedade ao longo do trajeto na subida

que leva ao centro de romaria pode sugerir uma incongruência na definição da ermida como um sacromonte.

Contudo, sobre essa questão, duas ressalvas precisam ser elencadas. A primeira é que a ausência das cenas evocativas da paixão não implica, necessariamente, a inexistência de símbolos que remetam à piedade. Nos últimos decênios ocorreram pequenas, mas significativas mudanças, como a inserção de outros elementos artísticos que, de alguma forma, contribuem para evocar a piedade cristã. A principal referência ocorreu em 2017, por meio da inclusão de um painel na parede da ermida, com a representação da Senhora Santana, como pode ser observado na Figura I.⁵



Figura 1: Pintura na Ermida de Santana. Fonte: SSPNews

A pintura do artista de São Pedro, Ebdenes, na parede ao fundo da ermida, torna-se um símbolo convidativo, no qual a imagem de Santana, cercada de nuvens, encontra-se no ato de recepção aos romeiros. A pintura reafirma a dimensão de sacralidade do espaço, no qual a elevação é transmutada em paraíso, com a imagem devocional cercada de nuvens. A paisagem do monte foi mobilizada na composição do enredo, no qual a ilusão de ótica leva a entender que a Senhora Santana se encontra sentada em um rochedo ao fundo da ermida, e as nuvens parecem emergir como a continuidade do espaço. Por meio da pintura, as paisagens celeste e terrena são imbricadas.

⁵ Fonte: SSPNews. Registro do dia 9 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.sppnews.com.br/2017/08/milhares-de-romeiros-visitam-o-monte-de.html>
Consultado em: 10 de agosto de 2021.

Por fim, uma questão atinente ao espaço sagrado é o fato de o Monte Santana encontrar-se no mundo rural. Como bem expressou Zeny Rosendhal, é recorrente que as hierópolis se localizem no mundo urbano, notadamente em cidades de pequeno e médio porte, como Aparecida, Bom Jesus de Pirapora, Tremembé e Perdões (São Paulo), Trindade (Goiás), Caeté, Liberdade, Congonhas do Campo e Conceição do Mato Dentro (Minas Gerais), Bom Jesus da Lapa, Monte Santo, Ituaçu e Santa Brígida (Bahia), São Cristóvão, Divina Pastora e Nossa Senhora Aparecida (Sergipe) ou Oeiras e Santa Cruz dos Milagres (Piauí). Entretanto, a manifestação do sagrado por meio de hierofanias não é uma experiência exclusiva do mundo urbano e também ocorre, em menor incidência, no mundo rural, resultando na constituição de hierópolis rurais como a de Senhor do Bonfim, em Natividade (Tocantins), São José da Serra dos Montes, em Campo do Brito (Sergipe), Senhor dos Pobres, em Mumbaça de Traipu (Alagoas), São Severino do Ramos, em Paudalho, e Santa Quitéria das Frexeiras, em São João (Pernambuco), Nossa Senhora da Abadia do Muquém, em Niquelândia (Goiás), e o Senhor Crucificado de Porto das Caixas, em Itaboraí (Rio de Janeiro).

Geralmente esses santuários rurais são providos de poucos estudos (Santos, 2015; Santos, 2017). Contudo, é necessário reconhecer que se trata de espaços devocionais que apresentam dinâmicas particulares, inclusive, as tensões envolvendo a questão sobre a gestão do templo, como ocorre nos municípios de São João, Paudalho e São Pedro do Potengi. Neste caso, o Monte Santana de São Pedro do Potengi pode ser entendido como um espaço sagrado também erigido no mundo rural, pois a ermida encontra-se a pouco mais de quatro quilômetros do núcleo urbano, nas imediações do distrito de Pedra Branca. Após a apresentação da ermida e o exercício de definição do espaço sagrado, é oportuno pensar acerca da composição da paisagem devocional.

“No alto da elevação rochosa, a imagem de Santana”: a paisagem devocional

Ao pensarmos o Monte Santana de São Pedro do Potengi como uma hierópolis rural, torna-se salutar discutir a composição da paisagem devocional das romarias realizadas na ermida. Ao longo dos últimos decênios, ocorreu a mobilização de um esforço entre os mediadores culturais do município para amplificar a visibilidade do templo como um atrativo turístico e das romarias como expressões da cultura municipal. Essas narrativas publicadas em blogs constituem o cerne desta análise.

Um elemento evocado em grande parte das publicações é atinente à ideia de tradição. A manifestação religiosa é apreendida como um símbolo das práticas tradicionais de outrora, uma expressão vivida no presente e que carrega o peso do passado, da repetição. Uma repetição que carrega o peso do elevado número de participantes, como testemunho do seu vigor. Essa tônica permeou o texto de Adeylton Lira, ao escrever: “A tradicional romaria da primeira segunda-feira de agosto que acontece no monte Sant’Ana (também conhecido como monte da Pedra Branca), em São Pedro, aconteceu na última segunda-feira, dia 7, e atraiu milhares de pessoas.” (Lira, 2017).

Para elucidar a ideia de tradição, o autor ressalta alguns elementos vinculados ao tempo e ao espaço, como a data da celebração, a repetição e o monte. O calendário festivo é um elemento fundante das grandes romarias, pois institui o vínculo entre o tempo ordinário do trabalho e o tempo extraordinário das celebrações, com os necessários deslocamentos em busca dos santuários. Em muitos casos, o calendário anual dos devotos é pontuado por um conjunto de romarias, que formam um ciclo de celebrações e santuários a serem visitados ao longo do ano. A ideia de tradição também foi evocada por Chiquinho Luiz:

A tradicional visita ao Monte Sant’Ana na primeira segunda-feira de agosto sempre se transforma em um grande momento de oração e reencontro entre romeiros que vêm de várias regiões do Estado do RN. O dia de hoje não foi diferente, e uma grande quantidade de carros, motos e mais de 40 ônibus trouxeram ao monte uma quantidade enorme de pessoas (Luiz, 2013).

O articulista preocupa-se em explicitar a presença de romeiros oriundos de diferentes pontos do estado do Rio Grande do Norte, bem como em evidenciar quantitativamente os automóveis que se deslocaram para o Monte Santana, como os mais de 40 ônibus. Certamente o uso desses recursos expressa o esforço em afirmar São Pedro como um centro de romaria estadual. Ressalta-se que essa visibilidade da romaria no âmbito numérico ocorre tanto por meio da escrita, como do uso de registros fotográficos. Esse foi o caso da fotografia publicada por Adeylton Lira em 2017, na Figura 2:⁶



Figura 2: Automóveis na Romaria de Santana em 2017. Fonte: SSPNews.

Desse modo, é possível pensar a composição da paisagem devocional no Monte Santana a partir da escolha de recursos voltados para dizibilidades e visibilidades. A tradição é inventada a partir da experiência devocional, mas também por meio da difusão das celebrações nos usos da memória. Trata-se de um ato que tem como escopo inserir as romarias realizadas no Monte Santana de São Pedro do Potengi no cenário das grandes manifestações católicas do agreste norte-riograndense e até mesmo do Nordeste. De acordo com Silvério Alves:

Na última segunda-feira (5) a primeira do mês de agosto, numa tradição da religiosidade popular católica, milhares de devotos do Potengi e de outras regiões do RN, foram até o Monte da Pedra Branca localizado na zona rural do município de São Pedro, para agradecer graças alcançadas e fazer pedidos a Sant'Ana, padroeira do Monte, mãe de Maria Santíssima e avó de Nosso Senhor Jesus Cristo. O Monte é visitado por um grande

⁶ Figura 2: Automóveis na Romaria de Santana em 2017. Fonte:

<https://www.sppnews.com.br/2017/08/milhares-de-romeiros-visitam-o-monte-de.html>

número de devotos, duas vezes por ano, 1º de janeiro e na 1ª segunda-feira de agosto (Alves, 2019).

A estratégia de inclusão do Monte Santana entre os santuários do Nordeste também foi usada na matéria produzida pelo jornalista José Fortaleza, que ao tratar sobre o local “considerado milagroso” escreveu:

Muito se ouve falar nas cidades cearenses de Juazeiro do Norte e Canindé, importantes pólos do turismo religioso. No RN uma referência é a cidade de Carnaúba dos Dantas, onde fica o Monte do Galo que ano completará 81 anos de romarias. O que pouca gente sabe é que a apenas 53 quilômetros de Natal existe um local reservado à manifestação da fé católica há mais de 130 anos. É o Monte Sant’Ana, no município de São Pedro, às margens do Rio Potengi (Fortaleza, 2009).

Em ambos os artigos, percebe-se uma ênfase ao turismo religioso. Essa temática vem se tornando o eixo norteador do debate entre autoridades políticas no sentimento de fomentar novos caminhos para o turismo estadual. Desde os idos de 2010, com a criação do santuário de Santa Rita de Cássia, em Santa Cruz, o debate atinente aos usos das romarias como forma de incremento ao turismo se consolidou no Rio Grande do Norte. Neste sentido, as romarias são pensadas como estímulo ao fortalecimento econômico:

Na manhã do dia 1º de janeiro, como ocorre todos os anos, houve a tradicional romaria ao Monte Sant’Ana. Muitas barracas de vendedores ambulantes, visitantes de vários destinos, missas, subida ao monte, pagamento de promessas ou simples visitas, marcaram o dia festivo no ponto turístico-religioso de nossa cidade (Luiz, 2011).

Outra dimensão destacada pelos articulistas é a atinente ao pagamento das promessas pelos romeiros. As práticas devocionais, com a entrega de ex-votos, é elencada como um elemento que reafirma a permanência da tradição. O articulista Adeylton Lira mobiliza a presença da diversidade de sujeitos, como os tradicionais promesseiros e os turistas e curiosos que se deslocam para conhecer a ermida. Em suas palavras: “Os devotos vão até o monte, cuja padroeira é Sant’Ana, para visitação, pagamento de promessas ou simplesmente para conhecer o principal ponto turístico religioso de São Pedro” (Lira, 2017). Na matéria publicada pelo jornalista José Fortaleza, ao assumir a posição do olhar

do visitante, destaca a diversidade de objetos depositados no pequeno templo. Ele desloca-se pelo templo e leva o leitor a contemplar os ex-votos expostos na lateral da ermida, no chamado canto dos milagres: “Quem visita a capela no alto do monte se depara com cabeças, braços e pernas feitos de gesso. Além desses objetos, os fiéis deixam fotos, roupas e o que mais possa representar a graça de um milagre” (Fortaleza, 2009). Outras formas de pagamento de promessas se expressam na visibilidade de devotos, por meio de registros de romeiros em mortalhas em “azul cor de promessa”, como pode ser observado na Figura 3:⁷



Figura 3: Romeiras com vestes de promessas. Fonte: Atualidadesp.

Além disso, as matérias também ressaltam a ausência do poder público na melhoria das condições de acesso ao espaço sagrado. José Fortaleza entrevistou professoras do município que expressam a demanda: “deveria haver por parte do poder público, iniciativas para que fosse feito um trabalho permanente de preservação, além de dotar o lugar de infraestrutura para receber o visitante” (Fortaleza, 2009). Realmente o processo de inserção de melhorias foi lento, indo de uma pequena cruz, no século XIX, à capela edificada por Apolônio Julião nos anos cinquenta, passando pela construção do cruzeiro no início do século XX.

Contudo, o grande entrave para as intervenções do poder público ou da Igreja Católica era o fato de a ermida ter sido edificada em terreno privado, que passou por diferentes proprietários, sendo o mais recente o empresário belga Didier Sterckx. Durante muitos anos, esse se tornou o principal entrave à constituição de uma política pública para implementação do turismo religioso no

⁷ Promesseiras. Disponível em: Consultado em: <http://atualidadesp.blogspot.com/2013/08/romaria-ao-monte-santana-reuniu-grande.html> 20 de julho de 2021.

município, pois o proprietário não se mostrava disposto a negociar a venda do espaço.

Essa situação de instabilidade começou a ter um desfecho somente nos idos de 2019. Após um longo processo de impasses e negociações pouco exitosas, o governo municipal conseguiu obter recursos federais para financiar a intervenção na infraestrutura do Monte Santana, com o projeto de construção de um mirante. O prefeito municipal, Miguel Nasser, conseguiu apoio do deputado estadual Fábio Farias, como pode ser observado na notícia publicada em novembro de 2019:

Desde a década de 1930 que o município de São Pedro (RN) recebe romeiros e devotos de Santa Cruz e Sant'Ana. O monte, ponto mais alto da cidade, onde foi erguida uma capela de Sant'Ana, entrou para o roteiro estadual do turismo religioso, e chega a receber milhares de fieis todos os anos.

Para garantir uma melhor infraestrutura do local, com a construção de um mirante, o prefeito Miguel Cabral Nasser foi a Brasília em busca de recursos federais. Ele foi recebido pelo deputado federal Fábio Faria (PSD/RN) e o parlamentar garantiu que vai defender, junto ao Ministério do Turismo, uma emenda no valor de R\$ 500 mil reais.

“Agradecemos a atenção e o deferimento do Deputado Fábio Faria. Esse recurso vai garantir a construção do Mirante da Serra e será um importante investimento para o turismo do nosso município”, agradeceu o prefeito (Tavares, 2019).

Contudo, essa conquista ainda esbarrava em um velho problema: o terreno da ermida era privado. Com isso, no mês seguinte, a Prefeitura Municipal de São Pedro determinou a desapropriação do Monte Santana, por meio do Decreto Municipal N. 18 de 16 de dezembro de 2019, no qual determinou:

Artigo 1º. Considerando que o Decreto Lei 3.365/1941, consideram se casos de UTILIDADE PÚBLICA, a preservação e conservação dos monumentos históricos e artísticos, isolados ou integrados em conjuntos urbanos ou rurais, bem como as medidas necessárias a manter-lhes os aspectos mais valiosos ou característicos e, ainda, a proteção de paisagens e locais particularmente dotados pela natureza. Artigo 2º. Considerando ainda, a obtenção junto ao Governo Federal para transformar o Monte da Pedra Branca, popularmente conhecido como MONTE DE SANTANA, no Município de São Pedro/RN, no

Centro de Cunho Turístico e Religioso, onde certamente gerará um grande crescimento na geração de empregos (...).

DECRETA:

Artigo 8º. Fica declarada de UTILIDADE PÚBLICA, para fins de desapropriação, amigável ou judicial, uma área de 126.446, 97 m²/12,6447ha, perímetro 1.535, 97m, localizada na Zona Rural do Município, com as seguintes confrontações: ao norte com o Sr. Didier Alan Han Sterckx; ao Sul com a Estrada que liga São Pedro a BR 304, ao Leste com a Estrada que liga São Pedro a BR 304 e ao Oeste com o Senhor Thiago Melo Gadelha Simas (São Pedro, 2019, p. 1).

Por meio do decreto, finaliza-se um longo processo de disputas pelo espaço sagrado, que finalmente, passa a ser controlado pelo poder público. É importante ressaltar que o argumento esteve pautado na proposta de fomento ao turismo religioso, que passava a exigir novas intervenções para dotar o espaço de estrutura necessária. Resultante desse processo, a Portaria n. 49/2020, de 3 de agosto de 2020, convocou o antigo proprietário, Didier Alain Sterckx, “que se encontra em lugar incerto e não sabido”, para, junto ao setor financeiro municipal, tratar da indenização depositada em juízo para a desapropriação do Monte Santana (SÃO PEDRO, 2020, p. 116).

Era o capítulo final de um enredo que limitava as ações no espaço sagrado. Com a desapropriação, são abertas as possibilidades para novos capítulos. Novos fios passam a tecer a trama de devotos, com a retomada das romarias após a pandemia. Como expressou Silvério Alves: “Nessa segunda-feira, dois de agosto, o Monte da Pedra Branca, localizado na comunidade rural do município de São Pedro/RN, cuja padroeira é Sant’Ana, voltou a receber devotos vindos de toda parte, para fazer pedidos, orações e agradecer a bênçãos alcançadas.” (ALVES 2021).

Considerações finais

Todos os anos, na primeira segunda-feira de agosto, considerada dia santo de “dias e águas”, ocorre a romaria no Monte Santana, em São Pedro do Potengi, no agreste norte-riograndense. Trata-se de uma celebração católica que envolve

ampla participação dos segmentos populares e marcada por uma ausência do domínio clerical. Além disso, a romaria insere-se no âmbito das acrópoles sagradas do Rio Grande do Norte, constituídas pelos santuários de Nossa Senhora dos Impossíveis (em Patu), Santa Rita (em Santa Cruz), Santa Menina e Nossa Senhora das Graças (em Florânia) e Nossa Senhora das Vitórias (em Carnaúba dos Dantas). São santuários nos quais ocorrem algumas das mais importantes romarias do Rio Grande do Norte e que marcam a paisagem sagrada por meio das práticas penitenciais de seus romeiros em deslocamentos para subir as montanhas sacras.

Neste trabalho, mobilizo a ideia de centro de romaria e as tensões envolvendo as disputas pelo controle do santuário. Edificada em um terreno privado, a ermida da Senhora Santana tornou-se um entrave para o poder público municipal e para a Igreja Católica no processo de implementação da infraestrutura. Apesar dessa situação peculiar, o Monte Santana transmutou-se em um espaço sagrado, em uma hierópolis capaz de receber romeiros de diferentes plagas, que cumprem suas desobrigas e renovam os pedidos por melhores condições de vida. Com a desapropriação do terreno, um capítulo da história da romaria ao Monte Santana está a emergir.

REFERÊNCIAS

ABUMANSUR, E. S. (Org.). *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de; NUNES, Edson de Araújo. Devoção e cura no conjunto religioso do Monte do Galo – Carnaúba dos Dantas-RN. In: **Religare**: Revista de Ciências da Religião. V. 6, 2009, p. 23-38.

ALVES, Silvério. *Milhares de devotos de Sant'Ana visitaram o Monte da Pedra Branca, em São Pedro*. In: Blogsilverioalves. 2019. Disponível em: <https://blogsilverioalves.com/old/milhares-de-devotos-de-santana/>

Consultado em: 21 de julho de 2021.

ALVES, Silvério. São Pedro/RN: Romeiros voltam a visitar o Monte de Sant'Ana em Pedra Branca. In: *blogsilverioalves*. 2021. Disponível em:

<https://blogsilverioalves.com/religiao/sao-pedro-rn-romeiros-voltam-a-visitar-o-monte-de-santana-em-pedra-branca/> Consultado em: 18 de outubro de 2021.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Novos espaços de sensibilidade como fontes da história local: cemitérios, locais de devoção, bens imateriais laicos e religiosos. In: ALVEAL, C. M. O.; FAGUNDES, J. E.; ROCHA, R. N. A. (Orgs.). *Reflexões sobre a história local e a produção de material didático*. Natal: EDUFRN, 2015, p. 141-186.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas-SP: UNICAMP, 2011.

CAVIGNAC, Julie Antoinette; MACEDO, Muirakytan K. de; BRITO, Paula Sônia de; DANTAS, Maria Isabel. O inventário da cultura do Seridó (RN) ou como dar conta do patrimônio imaterial de uma região. *Revista Memória em Rede*. v. 3, n. 4, 2011, p. 48-84.

DANTAS, Maria de Fátima Medeiros. *Romaria, festa e turismo: relação entre nativos e romeiros na festa de Nossa Senhora das Vitórias em Carnaúba dos Dantas (Rio Grande do Norte)*. Natal, 2015, 145f. Dissertação (Antropologia Social). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DANTAS, Maria Isabel. *Do monte à rua: cenas da festa de Nossa Senhora das Vitórias*. Natal: IFRN, 2008.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FARIAS, Mayara Ferreira de. *Turismo religioso na cidade da santa: percepção da comunidade sobre a construção do complexo turístico e religioso alto de Santa Rita, Santa Cruz/RN*. Natal, 2013, 119f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FORTALEZA, José. Monte em São Pedro guarda 130 anos de fé e tradição. In: *No minuto*. 2009. Disponível em: Consultado em: <https://nominuto.com/noticias/brasil/monte-em-sao-pedro-guarda-130-anos-de-fe-e-tradicao/33203/> 21 de julho de 2021.

FRANÇA, Maria Cecília. *Pequenos centros paulistas de função religiosa*. Vol. 1. São Paulo: EDUSP, 1975.

FRANÇA, Maria Cecília. *Pequenos centros paulistas de função religiosa*. Vol. 2. São Paulo: EDUSP, 1975.

LIRA, Adeylton. Milhares de romeiros visitam o monte de Sant'Ana em São Pedro. In: *SPPNews*. 2017. Disponível em: 246

<https://www.sppnews.com.br/2017/08/milhares-de-romeiros-visitam-o-monte-de.html> Consultado em: 10 de agosto de 2021.

LUIZ, Chiquinho. Romaria ao Monte Santana reuniu grande número de visitantes. In: *AtualidadesSP*. 2013. Disponível em: <http://atualidadesp.blogspot.com/2013/08/romaria-ao-monte-santana-reuniu-grande.html> Consultado em: 21 de julho de 2021.

LUIZ, Chiquinho. Romaria ao Monte Santana. *AtualidadesSP*. 2011. Disponível em: <http://atualidadesp.blogspot.com/2011/01/romaria-ao-monte-santana-02.html> Consultado em 21 de julho de 2021.

PEREIRA, Carlos Eduardo de Brito. *De volta para os braços da rainha dos céus: migração, memória e festa em Caicó*. Natal, 2011, 131f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ROMÃO JÚNIOR, Manoel Cícero. *Políticas públicas para o turismo e desenvolvimento local: reflexões a partir de “caminhos de fé” no semi-árido potiguar*. Natal, 2012, 170f. Dissertação (Mestrado em Economia). Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas. A romaria de São José da Serra dos Montes-*Se*. *GeoNordeste*. N. 2, 2015, p. 15-29.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Nesta terra entre altos e baixios”: usos do passado e sacralização dos espaços no Santuário Senhor dos Pobres. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*. Vol. 6, 2017, p. 143-166).

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Perto do céu... numa nave espacial”: reforma devocional católica e turismo religioso no Santuário do Lima (Patu-RN, 1936-1979). *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*. Vol. 16, n. 49, 2018, p. 107-135.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *O Prefácio dos tempos: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em São Cristóvão*: Aracaju: Criação, 2024.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Só aqui no Icó nós temos, uma festa bonita assim”: sacralização do espaço e da memória na festa do Senhor do Bonfim de Icó/CE. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano X, nº 30, 2018, p. 259-284.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Uma história de pés descalços: a experiência dos romeiros do Senhor dos Passos de São Cristóvão (Sergipe,

Brasil). *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano 12, n 34, 2019, p. 173-200.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Polissemias do patrimônio: políticas públicas estaduais no registro das festas católicas (Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte). *Memória em rede*. Vol. 9, N. 16, 2017, p. 43-67.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Polissemias do patrimônio: políticas públicas estaduais no registro das festas católicas (Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte). *Revista Memória em rede*. V. 9, nº 16, 2017, p. 43-67.

SÃO PEDRO. Decreto Municipal n. 18 de 16 de dezembro de 2019. *Diário Oficial dois Municípios do Rio Grande do Norte*. Ano XI, n. 2170, 17 de dezembro de 2019, p. 1.

SÃO PEDRO. Portaria N. 049/2020 de 3 de agosto de 2020. *Diário oficial dos Municípios do Estado do Rio Grande do Norte*. Ano XI, n. 2332, 10 de agosto de 2020, p. 116.

SILVA, Albery Lúcio da. *Com quantas ave-Marias se faz uma santa?* Relicário de vozes sobre a Santa Menina. Natal, 2010, 85f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Irene de A. van den Berg. *As covinhas: práticas, conflitos e mudanças em um santuário popular*. Natal, 2010, 241f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, José Luiz. Caicó em boas mãos. *O Poti*. Suplemento. Nº 31, 29 de julho de 1984, p. 27.

SILVINO, Marluce. *Ilha de Santana e Alto de Santa Rita: a produção do espaço a partir do turismo em Caicó e Santa Cruz –RN*. Natal, 2012, 122f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

STEIL, C. A. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etmológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, E. S. (Org.). *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 29-51. TUAN, Y. F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

TAVARES, Lucas. Fábio Faria garante apoio para Mirante da serra de Sant'Ana em São Pedro (RN). In: *lucasthavares*. 2019. Disponível em: <http://lucasthavares.com.br/2019/11/20/fabio-faria-garante-apoio-para->

[mirante-da-serra-de-santana-em-sao-pedro-rn/](#) Consultado em: 18 de outubro de 2021.

VENÂNCIO FILHO, Raimundo. *O sagrado e o profano no sertão da Bahia: a religiosidade em Monte Santo*. São Paulo: Lura Editorial, 2016.

ZANZI, Luigi. *Sacri monti e dintorni*. Jaca Book, 2005

Recebido em: 22/03/2024;

Aprovado em: 19/05/2025.